

Bancos dos EUA aprovam novo pacote

Fritz Utzeri e William Waack (Bonn)

(Cleveland)

Cleveland (EUA) e Bonn — O pacote anunciado pelo Presidente Figueiredo causou pouco entusiasmo na Europa, mas os meios bancários de Nova Iorque reagiram com satisfação às últimas medidas do Governo brasileiro porque, segundo alguns banqueiros, elas mostram que o ponto-de-vista do FMI acabou prevalecendo. Em consequência, acreditam, o Banco Internacional de Compensações (BIS), que deu prazo até hoje para o Brasil pagar a segunda parcela de 400 milhões de dólares do crédito-ponte concedido ao país, deverá anunciar de algum modo que esse prazo será, mais uma vez, dilatado.

Na Inglaterra o novo pacote chegou a causar preocupação quanto às possíveis consequências sociais, embora a adoção de medidas severas quanto aos reajustes salariais viesse sendo exigido há tempos pelos conservadores banqueiros de Londres. E foi da Alemanha que vieram as vozes mais críticas e menos confiantes quanto à capacidade de recuperação da economia brasileira.

Nos EUA

Embora haja sempre muita especulação no mercado, os banqueiros nova-iorquinos, ouvidos pelo telefone, fizeram questão de deixar claro que estavam especulando.

— Hoje, provavelmente, o de Larosière (gerente do FMI), deve ter entrado em contato com o Leutwiller (presidente do BIS) para acertar tudo — disse um banqueiro.

O mercado foi calmo, em Nova Iorque, pela manhã. Enquanto os banqueiros ainda se informavam sobre o novo pacote, Wall Street e o mercado do ouro mentiveram-se sem grandes alterações e ninguém acreditava seriamente que a conta do BIS acabe sendo paga ou cobrada, mesmo dos fiadores, os bancos centrais.

Ao longo do dia, os banqueiros tomaram conhecimento dos pronunciamentos de Paul

Volcker, chairman do Federal Reserve Board (BC americano), no Senado americano, e da Primeira-Ministra da Inglaterra, Margaret Thatcher, em Londres, expressando otimismo sobre o Brasil.

— O acordo saiu, não há dúvida alguma — concluíram alguns executivos.

Apesar disso, o coordenador da renegociação da dívida externa brasileira, o banqueiro Bill Rhodes, do Citibank, não se pronunciou a respeito e seus assessores informavam apenas que ele andava "muito ocupado" e que talvez amanhã (hoje) "ele diga algo".

Os banqueiros acham que, em função do acordo, o Fundo avisará ao BIS sobre a liberação (no máximo em 30 dias) da segunda parcela de seu crédito ampliado de 411 milhões de dólares. Com o anúncio da liberação dessa parcela, os bancos também deverão liberar a segunda parte do empréstimo-jumbo.

Alguns banqueiros ouvidos disseram não acreditar que, uma vez selado o acordo, leve muito tempo para os bancos liberarem os recursos.

— É como ter um cartão de crédito; se estiver bom, você nem precisa do dinheiro para começar a se mexer.

Durante o dia de ontem, o Banco do Brasil contactou vários bancos americanos em Nova Iorque e, segundo alguns executivos, "eles há muito tempo não pareciam tão felizes". Enquanto isso, o mercado interbancário manteve-se estável, sem possibilidades de iniciar novos negócios ontem, mas essa constante não é propriamente uma novidade para o Brasil no mercado nova-iorquino.

Na Europa

Na Europa, as reações não foram tão otimistas. Uma fonte do BIS concordou, após muita insistência, apenas em dizer, em termos genéricos, que a desindexação par-

cial da economia, indo de encontro às exigências do FMI, só pode ser encarada de maneira positiva.

Na Alemanha, os banqueiros, de maneira geral, elogiaram a desindexação como passo importante na luta contra a inflação. Dizem os alemães que há muito tempo vinham exigindo medidas semelhantes pelo Governo brasileiro. Mas ouviam sempre que o Brasil estava, há 30 anos, acostumado a viver com altas taxas de inflação, e não poderia deixar de lado os métodos usados até aqui.

— Pode ser que tudo isto o que o Brasil aprovou seja positivo, a longo prazo, mas não vai ajudar nada a curto prazo. Ao contrário, eu acho que essas medidas vão sobrekarregar as faixas de menor poder aquisitivo e só posso expressar aqui minhas esperanças de que tudo isto não leve a uma desagradável explosão social — disse um importante banqueiro alemão, que participa da renegociação da dívida brasileira.

— O que o Brasil precisa é de um plano econômico a longo prazo, e não sei como isto deveria acontecer com a atual equipe no Governo — prosseguiu. — O que mais lamenta é o fato de o Brasil ter perdido, em tão pouco tempo, a fama extraordinária de que desfrutava na Europa. A confiança na atual equipe de Ministros, aqui na Europa, está totalmente queimada; o Langoni e o Delfim, quando viajam, são recebidos por nós com sorrisos forçados.

— Quando você escrever isso aí, por favor sem citar meu nome, pode dizer que a todo momento esperamos uma renovação da equipe dirigente da economia brasileira, como sinal capaz de nos mostrar que uma política dura e consequente vai ser aplicada para valer. O breque que o Delfim está usando nos últimos dois anos não passa da tentativa de corrigir os erros que ele mesmo cometeu nos 18 primeiros meses de sua gestão — disse o informante.